

NEIGHBOURS

Lília Momplé

Breve informação sobre o título deste livro

Sempre me impressionou a permanente e trágica ingerência da minoria racista da África do Sul no meu País onde, sobretudo na década de oitenta, incontáveis moçambicanos viram o rumo das suas vidas desviado ou, simplesmente, deixaram de existir, por vontade e por ordem dos defensores do *apartheid*.

Neste livro, inspirado em factos reais, descrevo o que se passa em Maputo, em três casas diferentes, desde as 19 horas de um dia de maio de 1985 até às 8 horas da manhã seguinte. Preocupei-me não apenas em narrar os acontecimentos dessa longa noite, mas em relacioná-los com as pessoas que vamos encontrando nas três casas. São pessoas comuns que desconhecem tudo sobre as que vivem nas outras casas. Todavia, têm o seu destino fatalmente interligado, mais uma vez, por vontade e por ordem do *apartheid* que tão bem sabia aproveitar-se das humanas fraquezas, taras, paixões, anseios e inseguranças.

Entretanto, à medida que ia escrevendo o livro, fui-me apercebendo da dificuldade em encontrar-lhe um título que não o limitasse a um simples episódio. Um título que pudesse exprimir a sensação de constante asfixia e extrema vulnerabilidade perante forças tão poderosas e hostis e simultaneamente tão próximas que a sua sanha mortífera se podia abater sobre nós, da forma mais imprevisível e brutal.

Foi então que, um dia, ao apreciar uma exposição da pintora Catarina Temporário, até aí completamente desconhecida para mim, deparei com um quadro que transmitia uma

sensação de agressividade difícil de suportar. O título da obra era *Neighbours* e referia-se à sinistra vizinhança do *apartheid*.

Soube imediatamente que o título do meu livro só poderia ser *Neighbours* pois sintetizava tudo o que eu procurava dizer através de muitas palavras.

Felizmente a pintora Catarina Temporário concordou comigo.

A autora

Neighbours – palavra de língua inglesa que significa “vizinhos”.

19 HORAS

Em casa de Narguiss

Da pequena varanda da sua *flat* Narguiss contempla mais uma vez o céu onde, contrariamente ao que os chéés afirmam, nem um rasto de Lua se vê. É um céu limpo de maio, pontilhado de estrelas de brilho tão intenso que dão a impressão de estar muito próximas. Mas nada de Lua, o que deixa Narguiss desapontada e inquieta.

“Um pissoa nem sabe como fazer... Féstéjar Ide sem sair Lua, não ser pecado?”, interroga-se ela.

Continua perscrutando o firmamento, como que à espera de uma resposta que apazigue a sua inquietação. Como, porém, nenhuma resposta lhe vem de um céu tão agressivamente majestoso, decide iniciar os preparativos para o Ide e, rebolando o corpo imenso, vai para a cozinha onde já se encontra a filha mais nova a preparar as chamuças.

– Muntaz, minha filha, qui coisa... Féstéjar Ide sem sair Lua! – desabafa, dirigindo-se à rapariga que lhe parece muito bela, assim, com o rosto levemente descaído, iluminado pela luz frouxa do candeeiro de petróleo.

– Há de sair, mãe. Na África do Sul já apareceu – responde a filha com brandura.

– Mas nós não estar no África do Sul. Por isso ser obrigados cozinhar toda noite.

– É costume, mãe. Os chéés é que sabem.

– É costume agora. Antes nunca ser costume féstéjar Ide sem sair Lua no céu próprio.

Muntaz sorri e continua a preparar o recheio das chamuças, ao mesmo tempo que olha de soslaio para a mãe, com uma expressão simultaneamente irónica e carinhosa.

Narguiss, procurando não chocar com o fogão, a mesa e os bancos que atravancam a cozinha, vai buscar a carne e os outros ingredientes para o caril, mas não cessa de resmungar baixinho contra o facto de ter de festejar o Ide no dia seguinte, sem ver a lua nova, só porque esta apareceu no céu da África do Sul. Não pode conformar-se com tal prática que contraria toda a sua vivência de mulher nascida, criada e amadurecida no mato, onde os chéés se guiam apenas pelos seus próprios olhos e não por notícias de países vizinhos.

– Nós não vai dormir hoje. Ter qui cozinhar chamuça, caril, gilebe, mahaza, tudo às pressa – lamenta ela.

– E a mãe deve estar bem contente por ter tanta coisa para cozinhar. A maior parte das pessoas aqui não têm nada. Festejam com upswa e *repolho*, mais nada – diz Muntaz, com uma ironia amarga.

– É verdade... tem razão, muitos não tem nada... – concorda Narguiss, depois de um breve silêncio, encarando a filha com o seu jeito entornado, misto de doçura e estupidez.

– Principalmente os pretos e também os mistos como nós. Os indianos puros, esses sempre arranjam qualquer coisa – acrescenta Muntaz.

Narguiss concorda mais uma vez e, intimamente, agradece a Alá por o seu Abdul, filho de mãe cafusa e pai indiano, ter saído inteiramente a este em ladinice, pois não há dúvida

que é um verdadeiro fura-vidas e, por esse motivo, ela lhe está imensamente grata...

É, de facto, surpreendente que, numa época de extrema carência no país, no frigorífico de Narguiss não falte a carne de vaca e de cabrito, o peixe graúdo, a manteiga, os refrescos... E, na despensa, não falte também o arroz, o açúcar, a farinha de trigo, a aletria, as especiarias... tudo conseguido através de “esquemas” que ela nunca procurou aprofundar. Aliás, Abdul sempre sustentou a família de modo a esta não passar privações e, não fossem os constantes problemas com mulheres, Narguiss considerá-lo-ia um marido perfeito.

– Ondi está teu pai, agora? – pergunta ela, seguindo, em voz alta, o fio do seu pensamento.

Muntaz não responde, continuando a picar a cebola e a malagueta para o recheio das chamuças.

– Ondi está ele? – pergunta ainda Narguiss.

– A mãe sabe muito bem onde ele está! – diz a filha, com magoada ternura.

– Com aquele mulher... aquele macua, ladrão de maridos.

E, enquanto vai enchendo a máquina de moer com pequenos nacos de carne vermelha e macia, Narguiss não se cansa de repetir como são perigosas as mulheres da Ilha de Moçambique e como gostam de roubar os maridos das outras.

Muntaz fica, como sempre, maravilhada com a capacidade que a mãe tem para se enganar a si própria quando se trata das levandades do marido pois, para ela, são sempre as mulheres que o perseguem até o apanharem, pobre homem, nas suas garras lúbricas.

Concorda, no entanto, que a mãe não deixa de ter razão em considerar mais perigosa esta macua da Ilha. Com as outras amantes, Abdul dormia fora de casa noites seguidas,

levava-as a passear e, a algumas, chegava a montar casa que mantinha em grande estilo, até lhe passar o entusiasmo. E este era sempre violento e breve como uma tempestade tropical. Pelo contrário, a ligação com a jovem Zena dura há mais de quatro anos. Além disso, não descansou enquanto não se livrou da mulher, convencendo-a, com argumentos insidiosos, a acompanhar Muntaz, quando esta pediu para vir estudar para Maputo, na única Universidade do país. Narguiss acabou por ceder, trazendo também as duas filhas mais velhas. Ele ficou, então, sozinho na Ilha, e mal a família partiu, apressou-se a levar a macuazinha para a sua própria casa.

Através de pessoas que vêm da Ilha, Muntaz sabe como o pai enche de mimos a bonita Zena. Algumas acrescentam que Abdul levou também para casa a irmã mais nova da amante, para lhe fazer companhia. E as mais maldosas afirmam que ele dorme com as duas, e que estas pouco se importam, pois a única coisa que dele desejam é a vida fácil e confortável que lhes proporciona.

Para Muntaz, porém, o mais alarmante é o facto de o pai não ter vindo passar o Ide com a família. Ela sabe que, por mais entusiasmado que Abdul esteja com uma mulher, este dia é sempre consagrado a Narguiss e às filhas. Desta vez, contudo, limitou-se a vir a Maputo de fugida, permanecendo apenas o tempo necessário para fazer as compras para as Festas. Logo depois, indiferente aos rogos da mulher e ao silêncio melindrado das filhas, arrumou de novo as malas e regressou à Ilha, prometendo voltar. Mas hoje é véspera de Ide e ele não voltou. E todo este sórdido enredo magoa profundamente a sensitiva Muntaz porque, além de causar à mãe grande sofrimento, cobre de ridículo toda a família.

– Dia di Ide abandonar nós aqui, sem pai, sem marido – suspira Narguiss, como que fazendo eco das preocupações da filha.

Esta continua silenciosa, trabalhando agora a massa das apas. Palavras de consolo parecem-lhe neste momento desprovidas de sentido e fica aliviada quando a atenção da mãe se desvia para as duas irmãs mais velhas que irrompem pela cozinha, vindas da rua.

As raparigas justificam-se dizendo que a modista só agora lhes entregou a roupa para estrear amanhã. Narguiss observa-as com o seu jeito entornado e uma ponta de apreensão também. Com efeito, há já algum tempo que a preocupa o facto de Rábia e Dinazarde, bem entradas na casa dos vinte, ainda não terem “agarrado marido”, embora sejam apetecíveis como fruta madura, com a pele macia cor de chá, os olhos negros e reluzentes, peito farto e anca bem torneada. Pois, apesar de tudo isso, e para grande desespero da mãe, os homens, atraídos à primeira vista pela beleza agressiva e sensual das raparigas, acabam, invariavelmente, por se afastar.

Os mais afamados curandeiros já foram consultados por Narguiss, pois o insucesso de Rábia e Dinazarde só pode ser atribuído a algum feitiço bem forte. Todos lhe cobram pesadas somas pelas rezas e batuques, e todos lhe prometem espetaculares reviravoltas na sorte das raparigas, com prazos e tudo. “No fim deste mês vai aparecer um homem, com boa posição... Não vai passar uma semana, um rapaz rico há de...” Mas o tempo vai passando e nada acontece. Narguiss vive, assim, atormentada pelo receio de se tornar a ridícula mãe de três filhas solteironas.

Não que à filha mais nova faltem pretendentes, assim ela os aceitasse. Mas para desolação da mãe, a rapariga nem quer

ouvir falar de casamento, dedicando-se aos estudos de uma maneira que toda a família considera muito pouco feminina. Aliás, quando concluiu a nona classe, Muntaz muito lutou contra a oposição dos pais para estudar para além dos limites tidos, no seu meio, como normais. “Estudar tanto para quê? Mulher não é para encher cabeça”, argumentavam eles.

Para os persuadir do contrário, a rapariga lançou mão de todos os meios, desde rogos e silêncios acusatórios, até à recusa de comer. Conhecendo-lhe o carácter obstinado, Narguiss e Abdul acabaram por ceder, na esperança de que ela, mais tarde, viesse a desistir de tanto estudo. Qual não foi, porém, o seu espanto quando Muntaz não só terminou o nível secundário como decidiu seguir o curso de Medicina. Aí, jogou a favor da jovem o facto de a única Universidade do País se encontrar no Maputo e Abdul já andar obcecado pela linda Zena. Desejoso de se livrar da mulher, pelo menos por uns tempos, ele acabou por concordar que a filha viesse estudar, desde que Narguiss a acompanhasse.

E foi assim que, por um capricho amoroso do pai, Muntaz se matriculou na Faculdade de Medicina. Desde o início que conhece o valor do trabalho árduo para que o velho sonho de ser médica se torne realidade e, por isso, evita tudo o que a possa desviar do estudo, principalmente os compromissos amorosos. A mãe, desde que os rapazes começaram a rondá-la, bem procurou persuadi-la a aceitar os que lhe pareciam mais recomendáveis. Mas acabou por deixá-la em paz quando se convenceu de que nada conseguia com os seus conselhos.

Hoje, Narguiss está quase conformada com a insólita dedicação da jovem aos estudos, em detrimento do que, na sua opinião, deve ser a principal preocupação de uma mulher, isto é, “agarrar marido”. Mas, se está quase conformada com as “aberrações” da filha mais nova, o mesmo não acontece com a

pouca sorte que persegue as outras duas, já bem entradas na casa dos vinte. Por isso, agora, à luz frouxa do candeeiro de petróleo, as contempla com o seu jeito entornado e uma ponta de apreensão também.

– Vá, minhas filha, vai trocar roupa e vem ajudar. Estar tudo muito atrasado – diz ela, acompanhando as duas jovens com o olhar. E ao vê-las assim, viçosas e perfumadas como flores, mais uma vez se convence de que só um forte, um fortíssimo feitiço as mantém ainda solteiras, enquanto os anos passam... os anos passam...